

VERGÍLIO FERREIRA

OBRA COMPLETA

ALEGRIA BREVE

ROMANCE



QUETZAL

Enterrei hoje minha mulher — porque lhe chamo minha mulher? Enterrei-a eu próprio no fundo do quintal, debaixo da velha figueira. Levá-la para o cemitério, e como? Fica longe. Ela pedira-mo uma vez, inesperadamente, acordando-me a meio da noite. Queria que a enterrasse junto ao muro que dá para o caminho, porque se vê daí a casa dela. Habituara-se a olhar para aquele sítio depois que ficou só. E pensava: «Verei dali a janela do meu quarto.» Mas teria de transportá-la para lá. Não tenho forças e cai neve. A quantos estamos? É inverno, Dezembro talvez, ou Janeiro. Tiro a neve com uma pá, traço o rectângulo e cavo. Dois cães assomam à porta do quintal, chupados de ódio e de fome. Ainda há cães pela aldeia? Babam-se e uivam sinistramente. Tomo uma pedra, disparo-a contra um, desaparecem ambos a ganir. E de novo o silêncio cresce a toda a volta, desde a montanha, que fico a olhar até me doerem os olhos. Olho-a sempre, interrogo-a. Quando estou cansado de cavar, enxugo o suor e olho-a ainda. Um diálogo ficou suspenso entre nós ambos, desde quando? — desde a infância talvez, ou talvez desde mais longe. Um diálogo

interrompido com tudo o que aconteceu e que é necessário liquidar, saldar de uma vez. Estou só, horrorosamente só, ó Deus, e como sofro. Toda a solidão do mundo entrou dentro de mim. E, no entanto, este orgulho triste, inchando — sou o Homem! Do desastre universal ergo-me enorme e tremendo. Eu. Dois picos solitários levantam-se-me adiante, lá longe, trêmulos no silêncio. Entre eles e a aldeia há um vazio escavado na montanha, donde sobem as sombras e a neblina. Pela manhã a névoa infiltra-se pelos desfiladeiros, e toda a serra e a aldeia flutuam. Então é como se o tempo se esvaziasse e a vida surgisse fora da vida. Mas agora o ar é puro, transparente, como um sino na manhã. Só as sombras se erguem desde o fundo. Com a neve acumulada tomam um tom violáceo. Mas é um tom nítido como no espectro solar. Os dois picos, de arestas limpas, vibram imperceptivelmente no céu húmido e já escuro.

Trago o corpo de minha mulher embrulhado num lençol. É estranho como pesa. Dir-se-ia que a terra o exige com violência. Gostaria de a olhar pela última vez, e no entanto não é fácil. O lençol branco confunde-se com a neve. Assim é como se o corpo se confundisse também. A toda a borda da cova, a neve ficou suja da terra acumulada. Será a fundura bastante? Metro e meio, talvez. De comprimento está bem. Encosto-me ao cabo da enxada, e é estranho que não reconheça em mim um sentimento distinto. Cansaço, decerto. E o orgulho. E o medo. Será tudo o mesmo? E a resignação, talvez, ou mesmo a plenitude. Estás velho, como o não sabes? Estás velho. Talvez seja assim a velhice: um esgotamento longo de tudo. E no centro, breve, uma verdade final. Como um objecto precioso que se tira da terra e se limpa — qual a tua verdade final? Mas estou tão cansado. Agora não. Olho a aldeia abandonada, perdida na montanha, ouço o silêncio. E sinto-me aí disperso, irisado em espaço, íntegro e puro. E nu. Mas

quando vou a erguer o corpo, não resisto: subtilmente afasto as dobras do lençol. Então Águeda aparece-me à última luz da tarde de inverno. Magra, sisuda, indignada com a vida. Pus-lhe o terço nas mãos, um pouco talvez para a reconciliar consigo, para ter um sono mais fácil. Mas a face agreste de boca cerzida, as mãos quase enclavinhasas fixaram para sempre a imagem do seu desespero.

— Dorme.

Cubro-a de novo, suspendo-a a custo. Afinal a cova ficou curta: os joelhos soerguem-se-lhe um pouco. Uma das dobras do lençol deslizou e tenho de me debruçar para a compor. Baixo-me, tremendo, uma onda de suor vem bater-me em todo o corpo — que é que me assusta? Onde é que? É tudo tão grande. A noite cresce no céu, é necessário acabar tudo depressa. Sobre nós, os ramos nus da figueira começam a apagar-se na sombra. A terra cai na cova com um rumor fofo. Vou à loja buscar estacas para fazer uma cercadura. Um dia ponho-lhe uma lápida, talvez, ou alinho à volta lascas de pedra como se faz nos canteiros. Possivelmente cairá neve de noite e apagará aquelas manchas de terra. Mas é preferível cobri-la já com neve limpa do quintal. Com a pá vou apanhando pequenos blocos brancos que espalho sobre a sepultura. Depois aliso a superfície para que tudo fique perfeito. Entro enfim em casa e estiro-me num sofá, voltado para a janela de portadas abertas. Para lá do grande vazio, os dois morros sobem pelo céu com uma alvura pálida. Ligeiramente parece-me que se movem quando os fito intensamente.

Mas de súbito ergo-me, percorro a casa escura no prazer e no medo de ouvir os meus passos. Ouço-os. São fortes, ó tu — tu quem? São fortes, ressoam pela noite, são os passos do primeiro homem do mundo. Uma alegria terrível inunda-me. É uma alegria absoluta, imperiosa e todavia calma como a lentidão da terra. Armo o gira-discos, abro as janelas e saio.

Absurdamente, não cortaram a energia eléctrica para a aldeia. Há mesmo três ou quatro lâmpadas que ainda acendem. Decerto as outras fundiram-se. Fora, o ar nítido corta-me, filtrado, branco. Pureza do limite, ó recomeço perfeito. Passo pelas ruas abandonadas, de casas mudas. Fitam-me, rondam-me, coalhadas de vozes e de sombras. Sou eu, estou aqui — se gritasses? Quase todas caem aos bocados, as janelas desconjuntadas, algumas de portas abertas. Se gritasses? Certa noite Águeda e eu ouvimos um grande estrondo como de tremor de terra: um telhado que abatera. Mas agora, nenhum rumor. Só a música. Vem pela janela, multiplica-se nos ocos da serra, avoluma-se no espaço. Mas é uma música suave, direi mesmo delicada. Lembra-me os veios de água pela primavera, as flores alegres dos campos. Estarei alegre? Um acesso de ternura. Passa como onda na aragem fria. De quem esta paz? Música triste como uma alegria desesperada.

— Se for capaz de ouvi-la e ficar sereno...

Deu-ma Ema há muito tempo — num tempo que é já do limiar da memória. Porque o antigo e o novo não são os anos que os medem mas o vazio que os afasta dentro de nós.

Subitamente um uivo subiu longo, angustiado. Vem dos fundos da serra, serpeia à sua volta, sobe ainda por sobre mim, em espiral. Outro uivo respondeu de longe, torneando pelo ar. Os cães, os cães. Deviam ter abalado há muito, como os outros que se foram. Mas estes ficaram ainda, à espera do impossível. Agora os uivos multiplicam-se, envolvendo-se na música. Em giros lentos, sobem da fundura dos córregos, circulam em torno da montanha, erguem o desespero até às estrelas. É uma noite sem lua, plácida e nítida, verdade simples. Estrelas, uivos e música. Que é que isto quer dizer? Dou a volta à aldeia toda — supõe que os cães te assaltavam. Desvairados de fome. Tu despedaçado às dentadas. E só. Mas seria absurdo que isso acontecesse, porque só agora nasceste. Subo

ao adro da igreja, olho-a. E repentinamente, absurdamente, ressoa no adro deserto uma forte badalada. Estremeço: a aprendizagem é difícil. Algum pássaro noturno que embateu no sino? Já não ouço ali a música. Um gato bufou, uma ave, uma sombra, grifando o largo em diagonal como uma seta. Os cães sossegaram: possivelmente a música parou. Na fímbria branca dos telhados, nas árvores ossificadas, no ar imóvel — o silêncio. Vibra, retine como um cristal, ouço-o. Então abruptamente atiro uma patada violenta: para desentorpecer um pé? para tomar posse do mundo: um estrondo reboa como o anúncio de um Deus. Sou eu, ó noite. Trémulo olhar de lágrimas, na solidão astral, e o frio, o frio, adstringente e nulo, restrito em mim, pequeno, tão só. Terei divindade que chegue? — tão grande o universo. Pequeno e medroso aqui. Atiro a minha patada violenta, respiro até aos ossos o universo inteiro. Sou eu. Regresso enfim a casa, acendo o lume. Terei de ir à mata cortar lenha. Amanhã? Talvez amanhã. Dorme. Estás tão cansado. Amanhã é um dia novo.

II

Certo dia, pela tarde, um homem foi procurar-me à Escola. A aula estava a acabar e não se me deu assim mandar sair os garotos. Rapidamente a sala ficou vazia. Ouvi os gritos dos rapazes estalarem no pátio, depois um ao outro já ao longe, abrindo aqui e além, e finalmente o silêncio. O homem era um sujeito estranho que eu não conhecia. Indiquei-lhe uma cadeira, ele sentou-se.

— Luís Barreto — disse ele. — Engenheiro de minas.

— Jaime Faria — disse eu.

— O senhor professor há-de desculpar. Não sei se o Padre Marques já lhe disse.

Era um tipo seco, desidratado. Um vago ar de pasmo errava nos seus pequeninos olhos mortais.

— Não vi hoje ainda o Padre Marques — disse eu para afastar terceiros da conversa.

Tinha uma cara ressequida de pergaminho — sessenta anos talvez. Um botão de baquelite enterrava-se-lhe como um prego no ouvido esquerdo, donde pendia um fio entrançado que lhe penetrava pela gola do casaco. O clarão do poente

entrava por uma janela, destacando-lhe a face de gesso. Eu olhava-o à espera de mais palavras, fitava-lhe as mãos gastas, queimadas de milhões de gestos.

— Falei já com o Padre Marques — disse o homem enfim.
— Ele está perfeitamente de acordo.

Era dele a voz? — os lábios moviam-se imperceptivelmente. Mas tudo o mais, a face, as mãos pareciam petrificadas. Pela janela aberta que lhe ficava atrás, via ao longe os dois morros erguidos. Ao embate do sol, estremeciam, contra o céu, em partículas de luz. A capela de S. Silvestre brilhava, branca, no cimo de um deles.

— Mas tenha a bondade de...

As pálpebras breves, engelhadas como as de um sapo.

— ... um bem para a povoação... minas... desenvolvimento económico de...

Falava baixo, horizontalmente, como uma fita de som, movendo os lábios brevíssimamente. Mas agora os dedos das mãos mexiam também, devagar, com um movimento lento e túrbido de cobras de água. É o seu modo de ser importante — pensei; porque só se é importante cultivando uma diferença. Fora, no ar aberto de Maio, só uma palavra anónima pontuando o silêncio. Apliquei-me atento ao que o homem agora dizia infundavelmente, sentado na cadeira, o busto fixo, a máscara pregada.

— Minas? — perguntei.

— ... um bem para a povoação.

Depois os lábios cerraram-se-lhe, finos, distendidos, na palidez do rosto. E os dedos cessaram de mover-se. Só as pálpebras vagarosas. Uma pasta fina de cabelo acamava-se-lhe na testa — cabeleira postiça? o tempo germinava na sala, tenso, inchado. A certa altura, porém, Barreto desencostou-se da cadeira, todo o busto flectido, fechando o ângulo com as pernas. Via-lhe a face envelhecida avançar para mim com

os dois olhinhos apagados. Ergueu as mãos, devagar, contrapondo-as uma à outra, os dedos abertos como os de um pato.

— Tem saúde? — perguntou.

Vibrava-me um olhar gélido e fito. Alguém chamou ao longe para longe, para algum despenhadeiro. Ar cálido e puro, um sorriso breve assoma no horizonte da vida, um perfume passa e entontece. Pela encosta da montanha, manchas verdes aqui e além: centeio? flores silvestres? mas reparo de súbito que a sala está vazia. Devo ter respondido ao homem, ele deve ter-se despedido de mim antes de sair. Vejo apenas a sua cadeira, isolada no pequeno espaço entre as carteiras e a parede — e saio eu também para o sol da tarde. A grande chave da porta range, emperrada, para o silêncio em volta. Estará o Padre em casa?

Desço a escadaria da Escola, que fica sobre uma loja de madeiras. Ao longo das ruas tortuosas, uma ou outra pessoa que passa, um vulto breve assomando a uma janela. E velhos, de longe em longe, sentados às portas. Haveis de estar aí um dia, vós sós, um dia, mensageiros da noite, tossindo. Em frente da minha casa corre a rua principal. De um lado e doutro há um quintal de oliveiras, agora verde das batatas novas. Entro em casa, demoro-me um instante à janela para a montanha, mas acabo por sair, subindo a rampa que leva ao adro da igreja. A minha biografia começa aqui — na rampa.

Nasci a 28 de Janeiro de 19..., às três horas da tarde de uma sexta-feira, dizia minha mãe. É a hora de Cristo, dizia minha mulher. Sorrio, encolho os ombros — também o cansaço é verdade. Nasceram três irmãos antes de mim, mas foram morrendo pela infância fora. Nessa altura eram ainda vivos todos três, suponho. Era o começo do verão, talvez, minha

mãe e a mãe dela subiam a rampa para a missa de domingo. E um momento, minha mãe hesitou com uma inesperada ton-tura. Parou, apoiou-se a minha avó:

— Não sei o que tenho, minha mãe.

Ela varou-a de iluminação e alarme:

— Não me digas! Não me digas que já arranjaste outra desgraça.

A «desgraça» era eu.

O adro está deserto. Enquadram-no filas de casas, forman-do blocos, com fiadas de janelas abertas e sem ninguém. Tarde suspen-sa, aérea de brisa. O espaço do largo cintila, as folhas das tílias tremem. A casa do Padre Marques quase pega com a igreja, alongando-se a um dos lados do adro. É baixa, de um só piso, com um jardim empedrado a todo o comprimento. Bato à porta e a pancada ressoa no silêncio. Uma velha veio abri-la, estremecendo brevemente nas longas saias refolhadas de negro. Fechou a porta, abriu outra ao lado e subitamente deslizou ao longo do corredor. Olhei-a ainda um instante: rapidamente desapareceu como se uma aragem a levasse.

— Jaime? — perguntou o Padre lá de dentro.

Não respondi, entrei. Estava sentado diante do tabuleiro de xadrez, as pedras já dispostas para o jogo. A janela dava para o quintal, um ruído fresco de água brilhava no ar. Sentei-me, movi um peão. Ele levou tempo a mover o dele.

— Foi lá o homem?

Reparo numa sombra a um lado, ergo os olhos: a irmã do Padre sorri, absorvida no jogo. Laura. Tem só dois dentes na frente. De novo a sombra da criada aparece de trás, traça adiante um semicírculo perfeito, pousa um tabuleiro com ál-coois. Uma voz solitária ressoa ao longe, no vazio da monta-nha e da vida, desdobra-se dispersamente em vários ecos.

— Que quer ele? — perguntei.

A mão de Laura estende-se bruscamente sobre o tabuleiro com um dedo espetado. É um dedo enegrecido, cortado de

grelhas. Mas logo recua, vagaroso. O álcool canta para o vidro do cálice.

— Minas — diz o Padre. — Vão abrir minas.

— Volfrâmio — diz Laura.

— E máquinas, instalações — diz Marques ainda.

Movo o cavalo? A tarde alonga-se, a capela de S. Silvestre brilha ainda, branca, intensa, não há nuvens no azul. Marques firmou a rainha em ataque oblíquo. Mas pede-me licença, acaba por retirá-la — porquê? De súbito Laura desdobra-se toda, a cara quase sobre o tabuleiro. Que quereria o homem? Alguma escola nocturna, talvez, a bênção do Padre para as máquinas. Não sei. Marques acaba por repor a rainha no ângulo de ataque. Não gosto destas mudanças: uma pedra joga-se uma vez.

— Diz que precisa de nós, da nossa ajuda. Para a gente cooperar. Mudança de hábitos, o povo pode perder a cabeça.

— Sim — disse eu.

Ganharei o jogo? Perco sempre. Porque tentar ainda? Ganhar uma vez. Uma vez só. Às vezes penso: ganhar uma vez e não jogar mais. Esqueceria as derrotas, a memória do homem é curta. E no entanto... Começo a sentir-me bem, perdendo. Quer dizer: começo a não sentir-me mal. A capela de S. Silvestre já não brilha. Mas ainda se vê bem. É triste o entardecer, boiam coisas mortas na lembrança, como afogados. Uma nuvem clara passa agora não sobre o monte de S. Silvestre, mas sobre o outro, o pico d'El-Rei. É um pico menos aguçado, forma um redondo de uma cabeça. Há quanto tempo já lá não vais? Para o lado de trás, vê-se o sinal de uma aldeia (aldeia?), um sinal breve, trémulo, branco. Quando se olha, o tempo é imenso, e a distância — a vida é frágil e temos medo. Dou xeque duplo, vou-te comer a torre, Padre. Laura tem um gesto de quem me não aprova. Está sempre de pé, sempre de pé.